

BENZEDEIRAS DE CURITIBA: TRADIÇÃO OU MODERNIDADE?

Victor Augustus Graciotto Silva*

RESUMO

A partir do registro e identificação das benzedeadas como patrimônio cultural de Curitiba, que resultou no mapeamento de parte significativa das benzedeadas de Curitiba atualmente em atividade, propomos neste simpósio levar reflexões resultantes da pesquisa realizada, que em síntese preocupou-se em compreender o fenômeno religioso da crença nas benzedeadas através da percepção que elas têm de si e que a sociedade tem delas. Neste contexto de sociedade moderna desencantada que se percebe atualmente retornando a uma religiosidade, onde a modernidade e a tradição estabelecem conflitos e práticas que resignificam o contexto cultural, buscamos analisar as causas e compreender o processo histórico da construção da representação e do imaginário dessas benzedeadas categorizadas pela historiografia como tradicionais.

Palavras-chave: 1 – benzedeadas; 2 – patrimônio imaterial; 3 - Curitiba.

ABSTRACT

Within the book and identification from the faith healer with cultural heritage of Curitiba , what turned out into the mapeamento of it breaks signs from the faith healer of Curitiba actually em activity , proposing this symposium take reflections resulting from research realized , what in summary she worried - if understand the phenomenon religious from belief on the faith healer the perception than they of oneself and that the partnership. In this sense of society moderate disenchant that if she senses actually return to a religion , where the modernity & the tradition they establish conflicts and practices what resignificam the context culture, we pick analyze the sakes and understand the suit historical from building from representation and of the imaginary of that faith healer categorical by history traditional.

Key words: 1- faith healer; 2 - patrimony immaterial; 3 - Curitiba.

* Professor do Estado do Paraná, técnico pedagógico da Coordenação do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE/SEED-PR). Participante do Núcleo Paranaense de Pesquisa em Religião (NUPPER). Mestre em História pelo Programa de Pós-graduação de História da Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR)

Iremos neste texto apresentar o projeto de pesquisa de Identificação e Registro das benzedeadas tradicionais de Curitiba como Patrimônio Imaterial Cultural dessa cidade, aprovado via edital da Fundação Cultural de Curitiba no ano de 2008. Atualmente a pesquisa ainda está em andamento e os dados obtidos resultarão em um acervo sobre as benzedeadas em atividade que ficará disponível ao público em geral.

Nosso interesse pelo tema de pesquisa se deu ao longo dos últimos anos entre as discussões, estudos e seminários desenvolvidos pelo Núcleo Paranaense de Pesquisa em Religião – NUPPER.

Ao desenvolver uma pesquisa em jornais de Curitiba do início do século XX surgiu alguns documentos que me chamaram atenção. Tratavam de reportagens sobre curandeadas e benzedeadas, em tom de denúncia de crime e caracterizando uma tensão entre a medicina erudita e a popular. Os documentos encontrados são do final da década de 1910 até 1950, explicitando uma perseguição a curandeadas e benzedeadas pelo exercício ilegal da medicina. Antônio Carlos Duarte de CARVALHO aponta um quadro semelhante em São Paulo entre os anos de 1950 a 1980:

houve efetivamente um aumento da repressão às práticas populares de saúde consideradas ilícitas, o que é comprovado pelo grande número de acórdãos publicados nas revistas jurídicas, uma significativa incorporação dos conhecimentos populares sobre saúde, pela medicina erudita, e a implementação de intensas e significativas mudanças culturais relativas aos hábitos e às práticas populares de saúde” (CARVALHO, 2005 : 20).

O autor utiliza como documentação processos jurídicos e aponta que jornais do início do século já mencionam processos criminais em relação a curandeadas e benzedeadas ao ponto que, a partir dos anos 1950, o judiciário colhe um volume significativo destes processos, o que permite que revistas jurídicas apresentem os resultados deles. É neste recorte histórico de 1950-80 que o autor explicita rupturas de práticas culturais em torno da cura e da doença, que se assemelha ao contexto que encontramos em Curitiba no mesmo período.

Curandeadas, ervateiros e benzedeadas foram cerceados e reprimidos ao longo do século XX, ao mesmo tempo que a medicina erudita incorpora gradualmente parcela desse conhecimento popular: fitoterapia, naturoterapia, naturologia, terapias alternativas, são exemplos atuais da institucionalização do conhecimento popular. Fora isso, os hábitos mudaram: se até a primeira metade do século XX, a população tem como prática utilizar a medicina praticada pelos curandeadas e benzedeadas, no final deste mesmo século o contexto é de uma medicina erudita

dominante e hegemônica. Hoje em dia ao ficarmos doentes procuramos um médico, uma farmácia ou nos auto-medicamos com comprimidos que temos em casa.

Contudo, ao inquirirmos hoje em um grupo de pessoas se conhecem alguma benzedeira, provavelmente iremos escutar uma resposta afirmativa. Independente da classe social, muitas das pessoas que perguntei sobre o assunto fizeram questão de apresentar a benzedeira conhecida como “a melhor de Curitiba” e até mesmo “a melhor do mundo!”. Mesmo diante do mundo moderno em que vivemos, com a medicina erudita dia após dia apresentando inovações tecnológicas, encontramos pessoas que crêem na eficácia das benzedeiros para curar doenças.

Se, no início do século XX, recorrer a uma benzedeira era algo comum e corriqueiro, principalmente devido a ausência de médicos (como também de padres) no campo e nas pequenas cidades, por que as pessoas estão retornando a elas hoje, em um Brasil que é majoritariamente urbano, com a presença de médicos na maioria das cidades brasileiras? O que fazem moradores de diversas regiões de Curitiba freqüentarem as benzedeiros em pleno século XXI? Qual o papel destes freqüentadores? Se no passado as benzedeiros significavam algo prático e funcional, pois eram as “médicas populares”, as pessoas disponíveis para tratar dos males e doenças em um universo em que a distância de uma cidade a outra era vencida, na melhor das hipóteses, por carroças, hoje ir a uma benzedeira continua respondendo a tal praticidade? Hospitais, clínicas, postos de saúde, farmácias, os espaços de tratamento de saúde, em uma capital como Curitiba, são muitos e diversificados. Mesmo considerando a população pobre que depende do sistema público de saúde, geralmente demorado e com consultas que são marcadas para meses ou anos depois, será que se sustenta a permanência do sentido prático de ir a uma benzedeira? Quais outros fatores poderiam haver nesta procura pelas benzedeiros?

O debate em torno da religião e da experiência religiosa na sociedade pós-moderna, que evidencia o renovado interesse pelas religiões em amplo crescimento em todas as partes do mundo, devido a desorientação produzida pela crise dos valores tradicionais e por uma nova abordagem que favorece uma experiência religiosa pessoal, aponta alguns caminhos para as nossas questões iniciais. As reflexões que tiramos desse debate é que as pessoas estão retornando ao sagrado. As benzedeiros são fenômenos religiosos contemporâneos que estão inseridos neste retorno da sociedade moderna à religiosidade. O sagrado não saiu de cena, não tivemos uma dessacralização do mundo, o que aconteceu foi que o mundo deixou de ser clericalizado. O mundo pós-moderno de sensações e fragmentações, ao mesmo tempo que evidenciam a perda de identidade e de valores tradicionais, produzem movimento de busca de

identidade e de tradição.

Desta busca de identidade e tradição, outro caminho abre-se: o deslocamento do sentido prático para o simbólico que envolve a procura das benzedeadas. Se antes a benzedeadada era muitas vezes o único recurso para tratar da saúde, respondendo a uma prática cotidiana, hoje o mais prático é ir em hospitais e postos de saúde e não em um benzedeadada. Ir nas benzedeadadas nos dias de hoje apresenta um sentido simbólico.

Geralmente é a de que seja uma mulher, casada, mãe de alguns filhos, pobre, que conheça rezas, ervas, massagens, cataplasmas, chás e simpatias, que tenha um quê de mistério, que lide com a magia, feitiçaria e bruxaria. E essa imagem corresponde àquilo que é a benzedeadada. Ela é tudo isso e um pouco mais. Ela é uma cientista popular que possui uma maneira muito peculiar de curar: combina os místicos da religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular. (RIZZO, 1985 : 25)

A crença nas benzedeadadas tradicionais tem um sentido simbólico, pois está deslocada de seu “ambiente” original, seja ele espacial ou temporal.

As “tradições” ocupam um lugar diametralmente oposto às convenções ou rotinas pragmáticas. A “tradição” mostra sua fraqueza quando, como no caso dos judeus liberais, as restrições na dieta são justificadas de um ponto de vista pragmático, por exemplo, alegando-se que os antigos judeus não comiam carne de porco por motivos de higiene. Do mesmo modo, os objetos e práticas só são liberados para uma plena utilização simbólica e ritual quando se libertam do uso prático. As esporas que fazem parte do uniforme de gala dos oficiais da cavalaria são mais importantes para a “tradição” quando os cavalos não estão presentes; (...) as perucas brancas dos advogados dificilmente poderiam ter adquirido sua importância atual antes que as outras pessoas deixassem de usar perucas. (HOBSBAWM; RANGER, 1997 : 11-12) ¹

As tradições são fortalecidas nos momentos de tensão, de ruptura. As mudanças são imperativas para as tradições sobreviverem.²

A tradição só parece ser impertubavelmente ela mesma na medida em que afasta qualquer possibilidade de ruptura, ela se quer perene e eterna, sem aperceber-se de que a ausência de movimento termina condenando-a à estagnação da morte. A necessidade da ruptura se torna, em consequência, imperiosa, para restituir a dinamicidade ao que parecia “sem vida”. (BORNHEIM, 1987 : 57)

¹ HOBSBAWM, E.; RANGER, E. (org). *A invenção das tradições*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 11-12.

² BORNHEIM, G. A. O conceito de tradição. In: BOSI, A. (org) *Cultura brasileira: tradição/ contradição*. Rio

A tradição e inovação andam lado a lado e as mudanças acabam reinventando as tradições.

As benzedoras modernas mantêm, neste contexto cultural, uma relação mais profissional com seus clientes e utilizam-se de recursos como a propaganda em folhetos e jornais para divulgarem seu ofício, podendo, dessa maneira, concorrer com outros serviços espirituais e de cura divina, no mercado de bens religiosos. Sua oferta deve atender a demandas de clientes inseridos em uma sociedade urbanizada e de consumo, alguns, entre eles, em afinidade com valores e a visão de mundo da cultura moderna. Como profissionais do sagrado, elas oferecem serviços variados como vidência, tarologia, cartomancia, passes, benzeções, numerologia, entre outros e prometem solução de diversos problemas relacionados com a sorte a boa vida (GERMINIANI, 2000 : 8).

O próprio termo benzedora tradicional ou seu contraponto, benzedora moderna, apresenta a questão: por que tradicional? O que as pessoas buscam quando vão a benzedoras tradicionais? Um passado que não existe mais? Uma lembrança da infância, da ida a benzedora quando criança? Ir a benzedora traria à tona a busca pela identidade social? Alguns entrevistados afirmam que recorriam a “benzedoras tradicionais, sabe como, né, aquelas de antigamente” e que ir nelas transmitia “segurança”, “faz se sentir bem”, “pois lembra quando meu pai me levava”. Buscam além da cura, uma lembrança, um sentimento de algo que já existiu. De alguma forma as benzedoras tradicionais são procuradas também por representarem um passado, uma segurança, que sacia aqueles que as procuram.

Ainda sobre o termo tradicional, este recai sobre aquelas que respondem ao catolicismo popular e que não envolve nenhum tipo de cobrança financeira ao beneficiado pelo benzimento.

No trabalho com as fontes, os termos benzedora, curandeiro, pajelança e feitiçaria se confundem. Isso se repete nos dicionários, onde os significados se misturam, se assemelham, se sobrepõem: *benzedora* manipula rezas para males específicos e que no ato da reza eficaz (“reza forte”, aquela que possui um poder mágico) agrega o gesto do sinal da cruz, evidenciando o catolicismo, sendo que parteiras também seriam enquadradas como benzedoras (BENZEDORES. Dicionário Enciclopédico das Religiões, 1995 : 371); *benzedura* é colocado como elemento das tradições africanas, usado em terreiros de candomblé e umbanda para designar o ato de invocação por meio de orações e ritos próprios em favor de alguém para libertá-los de males físicos ou espirituais (BENZEDURA. Dicionário Enciclopédico das Religiões, 1995 : 371); *pajelança* é outro termo relacionado, refere-se a tradição indígena e com o sincretismo assume o significado de contra-feitiço, curar

de Janeiro: Zahar, 1987 e HOBBSAWM, E. Op. Cit., que também comunga esta teoria.

um mal causado por um feitiço (PAJELANÇA. Dicionário do Folclore Brasileiro : 571). O Dicionário Aurélio diz que *benzedeira* é mulher que pretende curar doenças e anular feitiços por meio de benzeduras, podendo também significar *bruxa* ou *feiticeira*; e *benzedura* seria o ato de benzer acompanhado de rezas supersticiosas e que seria sinônimo de *pajelança*.

Através destes significados é possível perceber que tais termos respondem a leituras e releituras, do que nos parece, de um mesmo fenômeno religioso: a crença no ato de curar por meio de ritos específicos, que ora envolvem rezas, jaculatórias e orações, ora unguentos e poções, ora ambos, tendo ainda a presença de divindades ou intervenção delas.

A partir das entrevistas iniciais foi possível identificar benzedoiras em atividade em Curitiba reconhecidas pela comunidade como tradicionais e populares. Entre outras, destaco: Dona Carmen citada por moradores dos bairros de Santa Felicidade, São Braz e Orleans; e Dona Angelina, falecida recentemente e conhecida pelos moradores dos bairros de Água Verde e Portão.

Ao intensificar a busca documental, encontramos nos arquivos da Fundação Cultural de Curitiba uma relação de benzedoiras que foram catalogadas no Banco de Dados das Manifestações Populares de Curitiba. Projeto finalizado em 2006 apresenta sete benzedoiras³ que são “reconhecidas como pessoa que realiza ou é expressão da cultura popular da comunidade”⁴.

Alguns elementos mostram a potencialidade da documentação que será obtida com as entrevistas das benzedoiras: a longevidade das entrevistadas, com média de 30 anos de ofício, cuja memória abarca a sua vida inteira inclusive o que é relacionado com sua mãe e avós que também são benzedoiras; a prática religiosa que se assemelham nas rezas mas com diferenças na forma de benzer, nos materiais e procedimentos (carvão para uma, cera de abelha para

³ 1 - Maria Francisca Bosa (Dona Ika):benzedeira do Umbará/ D. Maria Francisca Bosa, mais conhecida no bairro Umbará como D. Ika faz benzimentos para bebês, crianças e adultos. A comunidade do bairro costuma procurar D. Ika para curar os bebês com problemas de susto, verminoses, tosse, bronquites, "peito aberto" e machucaduras em geral. D. Ika prepara uma variedade de chás, unguentos e outros preparados para moléstias do corpo e da alma, tanto para bebês, crianças quanto adultos. 2 - Santinha Maria Sotler Martins: benzedeira do Boa Vista, D. Santinha faz o "fechamento de peito" de bebês através de técnicas de cura tradicional e massagens. 3 - Clotilde Cardoso da Cruz: benzedeira do Xaxim, Dona Clotilde benze em geral crianças em idade de 0 a 2 anos de idade, com problemas de susto, quebranto, bronquites, com orações, chás de ervas caseiras como hortelã, erva doce etc e banhos com estas ervas. D. Clotilde afirma ter aprendido a benzer com o pai Belmiro Cardoso Lima e outros membros da família como sua avó. 4 - Genoveva Huk: benzedeira no Xaxim, alto boqueirão há pelo menos 30 anos em plena atividade atendendo à comunidade e a população que bate a sua porta. 5 - Graziela Zanini Vieira: Benzedeira do Capão Raso/Dona Graziela utiliza-se de conhecimentos de seus antepassados de "medicina popular" para tratar de problemas de saúde como o "peito aberto" em bebês, crianças e até em adultos. Também trata, pelos mesmos métodos, de rasgaduras, entorçes e luxações diversas pela prática da "costura espiritual" destes problemas. 6 - Tereza Bernadete Borges: benzedeira do Tatuquara- Moradias da Ordem. 7 - Olga Kesek: benzedeira Vila Fanny, Dona Olga faz benzimentos em adultos e crianças utilizando cera de abelha derretida na água.

⁴ Critério apontado por Ozanam, funcionário da Fundação Cultural de Curitiba responsável pelo projeto.

outra, etc); o processo de tornar-se benzedeira, da revelação do dom e da transmissão através das gerações.

Delineamos o objeto de nossa pesquisa em torno das benzedeiros tradicionais de Curitiba e o seu recorte temporal em torno do período de 1920 até os dias de hoje.

Considerando o contexto da sociedade moderna desencantada que se percebe atualmente retornando a uma religiosidade, onde a modernidade e a tradição estabelecem conflitos e práticas que resignificam o contexto cultural, propomos compreender o fenômeno religioso da crença nas benzedeiros tradicionais de Curitiba buscando a percepção que as benzedeiros tem de si e que a sociedade tem dela. Explicitar o modo que eram vistas e o modo que se viam possibilita entender a construção da tradição que envolve atualmente as benzedeiros e a sua relação com a identidade. Mais do que o entendimento da crença religiosa, queremos explicitar as causas e compreender o processo histórico do aspecto tradicional das benzedeiros: por que a busca pelas benzedeiros tradicionais? Por que lhe são conferida esta imagem de tradicionais?

De forma geral os estudos de Carlo GINZBURG servem de referência inicial para nossa pesquisa, permitindo analisar a permanência da tradição e da religiosidade oriunda de vários substratos (africano, indígena e europeu) através dos conceitos de circularidade cultural, hibridismo e formação cultural de compromisso. O ofício de benzer no Brasil responde a um sincretismo desde do século XV, cujo catolicismo não-oficial interagiu com as religiosidades indígena e africana, o que significa diversas releituras do fenômeno da benzeção ao longo do tempo e do espaço.

Também utilizaremos alguns trabalhos da Antropologia que oferecem conceitos e metodologias para entendermos as benzeções e as benzedeiros no contexto brasileiro. Marcel MAUSS, Claude LÉVI-STRAUSS e B. MALINOWSKI apresentam reflexões sobre a benzeção como uma prática executada por especialistas que desfrutam de um tipo de poder na cultura popular. E. EVANS-PRITCHARD fala sobre os infortúnios aos quais são chamados a atender os bruxos, os feiticeiros e os adivinhos. De Lucy MAIR temos um estudo sobre um traço fundamental da benzedeira: o de sentir-se constantemente ilegítima à execução do seu ofício. E Pierre CLASTRES contribui com a reflexão sobre a questão da iniciação profissional das benzedeiros.

Em relação a religiosidade popular brasileira, considerando que a similitude de fenômenos religiosos caracteriza um aspecto da religiosidade brasileira de uma mesma pessoa pertencer a duas ou mais religiões, principalmente dos adeptos do catolicismo, e que esse pertencimento a várias religiões é traço característico da nossa religiosidade, nos leva a

analisar as manifestações de religiosidade popular no Brasil considerando seu caráter difuso, múltiplo e sincrético.

O catolicismo não-oficial no Brasil tem suas raízes ainda em Portugal, que traz de suas terras um catolicismo com fortes traços de paganismos. Laura de Mello e SOUZA (1986 e 1993), Carlos Rodrigues BRANDÃO e Ronaldo VAINFAS (1988) apresentam análises pertinentes para a sistematização da religiosidade popular, principalmente do catolicismo não-oficial, que é de onde se origina as benzedeadas.

Os trabalhos de Vera Irene JURKEVICS (2004) e de Lourival ANDRADE (2008) apresentam discussões importantes sobre a evolução da religiosidade popular perante os processos de romanização da Igreja Católica a partir do século XIX, principalmente por darem conta de manifestações religiosas populares ocorridas em Curitiba.

Os trabalhos de Leila AMARAL (1981), Pierre SANCHIS (1997) e Elda OLIVEIRA (1983, 1984 e 1985) apresentam reflexões oportunas para o fenômeno da benzeção em suas variadas matizes, e que nos permite avançar na discussão entre tradição, identidade e benzedeadas.

Por fim, as fontes históricas que localizamos e que já iniciamos a análise mostram a viabilidade e a potencialidade de uma pesquisa com maior profundidade, que sejam: o acervo documental de jornais de Curitiba do início do século XX e a memória coletiva das benzedeadas e dos benzidos, além de representantes da Igreja, serão as nossas fontes históricas.

Entre os jornais disponíveis no acervo da Biblioteca Pública do Paraná, O DIÁRIO DA TARDE⁵ e a GAZETA DO POVO⁶ foram escolhidos por cobrirem o recorte histórico da pesquisa e por apresentarem, de acordo com nossas pesquisas preliminares, matérias sobre benzedeadas e suas variâncias terminológicas (ervateiro, curandeiro, feiticeiro) desde do ano de 1919⁷ até 1950⁸. As entrevistas orais darão conta da memória coletiva que benzedeadas,

⁵ O DIÁRIO DA TARDE, primeira edição em abril de 1899 e a última em dezembro de 1951.

⁶ GAZETA DO POVO, primeira edição em fevereiro de 1919.

⁷ Esta é a matéria mais antiga que localizamos: “Sebastião Afonso, empregado do Bar Internacional sito à Rua 15, fora recolhido à Santa Casa, (...) depois de tomar diversas drogas que lho foram ministradas por uma curandeira. (...) o delegado de polícia resolveu agir contra a charlatã. E para tal fim mandou à casa da preta, que se chama Lúcia (...), um agente, solicitar os recursos “científicos” da preta. Esta foi mais solícita do que às vezes o são os esculápios, e prontamente, sem mais pesquisas deu-lhe de beber um líquido vermelho e imediatamente preceituou-lhe outras “mezinhas”, para cujo preparo pediu 5\$000 e uma garrafa de cerveja! Nada mais restava averiguar, e por isso foi a curandeira levada à delegacia onde se iniciou hoje o inquérito. (...) A polícia apreendeu em poder de Lúcia alguns panos sujos com ervas cozidas, vasilhas com infusões, ervas sapecadas (...)”. DIÁRIO DA TARDE. **Os curandeiros**. A polícia pegou a “doutora” Lúcia. Curitiba, 26 de julho de 1919. p. 1.

⁸ Esta é a matéria que baliza o ano onde paramos na pesquisa documental inicial: “Dizem em geral que os médicos são maus literatos. Eu não sou médico muito menos literato. Sou apenas um Acadêmico de Medicina, que vejo forçado a escrever para alertar a inocência de certas criaturas que se deixam explorar por inescrupulosos. Há menos de um mês, deu entrada no Instituto Paranaense para cegos desta Capital, uma menina de 14 anos. Natural de Prudentópolis, município vizinho desta cidade. Cega de ambas as vistas.

clientes e representantes das instituições religiosas das quais as benzedeadas se filiam, possuem sobre a crença nas benzedeadas tradicionais ao longo de todo o século XX.

Referências bibliográficas

AMARAL, Leila. **Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era**. Rio de Janeiro, 1981. Tese (Doutorado), UFRJ – Museu Nacional.

ANDRADE, Lourival. **Da barraca ao túmulo: Cigana Sebinca Christo e as construções de uma devoção**. Curitiba, 2008. Tese (Doutorado em História) – PPGHIS, UFPR.

BENZEDORES. Dicionário Enciclopédico das Religiões. Paulinas : São Paulo, 1995, p. 371.

BENZEDURA. Dicionário Enciclopédico das Religiões. Paulinas : São Paulo, 1995, p. 371.

BOSI, A. Cultura como tradição. In: _____. (org.). **Cultura brasileira: tradição/contradição**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987, p. 31-58.

BORNHEIM, G. A. O conceito de tradição. In: BOSI, A. (org.). **Cultura brasileira: tradição/contradição**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987, p. 13-29.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular**. São Paulo, Brasiliense, 1986.

CARVALHO, Antônio Carlos Duarte de. **Feiticeiros, Burloes E Mistificadores: criminalidade e mudança das práticas populares de saúde em São Paulo, 1950 a 1980**. Editora Unesp : São Carlos, 2005.

CLASTRES, Pierre. **Arqueologia da violência**. São Paulo : Brasiliense, 1982.

EVANS-PRITCHARD, E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro : Zahar, 1978.

GERMINIANI, Haudrey. **Profissionais do sagrado: sobre a correspondência entre religião, magia e consumo no fenômeno da benzeção**. Juiz de Fora, 2000. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – ICHL, Universidade Federal de Juiz de Fora.

GINZBURG, Carlo. **História Noturna. Decifrando o sabá**. São Paulo : Companhia das Letras, 1991.

HOBSBAWM, E. ; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. 2 ed. Rio de

Interrogado sobre causa de sua cegueira respondeu: em princípios do mês de Novembro, havia sido mordida por uma cobra cujo espécimen lhe era desconhecido. Seus pais receando as conseqüências, levaram-na a uma benzedeadora vizinha. Um mês após o benzimento ela perdia a visão do olho esquerdo e uma semana depois a do olho direito. Foi assim que ela chegou no Instituto para cegos. Após um tratamento específico, em menos de duas semanas, a menina enxergava. Os resultados tinham sido ótimos, uma vez que pouca esperança era alimentada, ao iniciar o tratamento. Entretanto, quando tudo pareceu resolvido, eis que surge uma nova conseqüência do veneno – a paralisia. (...) Não raras vezes tenho ouvido falar em benzedeadas, que se autogam com poderes divinos, aproveitando a fraqueza psíquica dos que a procuram. A saúde é uma só. E como podem elas pagar as conseqüências dos seus misticismos? Note-se que o caso acima referido não é o único. Só no Instituto, quatro são vítimas de benzedeadas. (...) E as pessoas que pensam que com um galho de arruda, três ou quatro palavras resolvem tudo, não passam de meras embusteadas, incapazes de curar a si próprias. Tais pessoas constituem um atentado contra a saúde pública. Infelizmente elas estão em todos os lugares, na cidade, no mato e nos campos, menos em um lugar – na cadeia.” BARBOSA, Alcebíades. Cuidado com as benzedeadas! In: GAZETA DO POVO, ano XXXII, n. 8873, 9 de Março de 1950, p. 7.

Janeiro: Imago, 1997.

JURKEVICS, Vera Irene. **Os Santos da Igreja e os Santos do Povo: devoções e manifestações de religiosidade popular**. Curitiba, 2004. Tese (Doutorado em História) – PPGHIS, UFPR.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A eficácia simbólica. In: **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.

_____. O Feiticeiro e sua magia. In: **Antropologia Estrutural II**. Rio de Janeiro, Tempo Moderno, 1979.

MAIR, Lucy. **La brujeria em los pueblos primitivos actuales**. Madri, Gadarrama, 1969.

MARCHI, Euclides. O sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidades. In: **História: Questões & Debates**, n. 43, p. 33-53, 2005. Editora UFPR.

MALINOWSKI, B. **Os Argonautas Do Pacífico Ocidental**. São Paulo, Abril Cultural, 1976.

MAUSS, Marcel. Esboço de uma teoria geral da magia. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, EPU, 1974, v. 1, pp. 37-131.

OLIVEIRA Elda Rizzo de. **O que é Medicina Popular**. São Paulo, Brasiliense, 1984.

_____. **O que é Benzeção**. São Paulo, Brasiliense, 1985.

_____. Memória e identidade social. In: **ESTUDOS HISTÓRICOS**. Rio de Janeiro, vol 5, n. 10, 1992, p. 200 - 212

PAJELANÇA. Dicionário do Folclore Brasileiro. Editora Paulinas : São Paulo, 1985, p. 571.

SANCHIS, Pierre. O campo religioso contemporâneo no Brasil. In: ORO, A. P.; STEIL, C. A. (orgs.). **Globalização e Religião**. Petrópolis, Vozes, 1997.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz. Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. São Paulo : Companhia das Letras, 1987.

VAINFAS, Ronaldo. **A heresia dos índios**. São Paulo : Companhia das Letras, 1995.